









Academia de Marinha



# MEMÓRIAS 2021

VOLUME LI

LISBOA  
2022



OCEANO AZUL  
fundação

## **Ficha técnica**

**Título** Memórias 2021

**Edição** Academia de Marinha, Lisboa

**Coordenação** José Manuel Maia  
Luís Couto Soares

### **Capa e contracapa**

Octante inglês, de 16 polegadas, em latão, mogno, marfim e vidro, com inscrição  
“Made by THO<sup>s</sup>. RIPLEY Hermitage Bridge \* LONDON \* For M<sup>r</sup> James Adam Nov<sup>r</sup> 5 1788”

Fabricante: Thomas Ripley, Hermitage Bridge, London

Dimensões: 46 x 37 cm

Data: 1788

Colecção LCS

Fotos: Filipe Enes

Concepção gráfica: Luís Couto Soares

**Data** Janeiro 2023

**Tiragem** 200 exemplares

**Impressão e acabamento** Página Ímpar

**Depósito legal** 355115/13

**ISBN** 978-972-781-171-7

# ÍNDICE

<b>Titulares dos cargos estatutários em 2021</b>	11
<b>Síntese da atividade cultural em 2021</b>	12
<b>Vida académica</b>	13
<b>Lista de membros eleitos</b>	19

## Sessões culturais

12 JANEIRO

SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DO ANO ACADÉMICO DE 2021

<b>Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha</b> Francisco Vidal Abreu	23
--	----

**O Mundo pós Covid19**

Paulo de Sacadura Cabral Portas\*

20 ABRIL

**De Génova a Setúbal**

<b>Mar e Festas no Casamento de D. Ana Dória com D. Jorge de Lencastre</b> Maria João Pereira Coutinho	27
---	----

22 ABRIL

<b>Estradas Inteligentes: Expectativas e Desafios da Mobilidade no Futuro</b> Armando Teles Fortes	49
---	----

27 ABRIL

**A visão estratégica de D. João II. Antecedentes da 1ª Embaixada à Abissínia\***

António Costa Canas

<b>Nos 500 anos da chegada da 1.ª Embaixada de Portugal à Abissínia (Abril de 1520)</b>	59
---	----

Manuel Cadafaz de Matos

4 MAIO

SESSÃO CULTURAL CONJUNTA COM O ICEA

“5 DE MAIO - DIA MUNDIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA”

<b>Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha</b> Francisco Vidal Abreu	79
--	----

<b>A língua portuguesa hoje: unidade, sim... mas diversidade total</b>	81
--	----

Artur Anselmo

<b>Portugal: ‘perfil’ da Europa ‘desenhado no Mar’</b>	89
Annabela Rita	
<b>O almanaque de Pessoa</b>	109
Mário Avelar	
11 MAIO	
<b>Defesa e Segurança marítima do Atlântico</b>	119
Victor Lopo Cajarabille	
13 MAIO	
SESSÃO CULTURAL CONJUNTA COM A FUNDAÇÃO OCEANO AZUL – OCEANÁRIO DE LISBOA “OS GRANDES DESAFIOS DO OCEANO NA PRÓXIMA DÉCADA”	
<b>Perspetivas sobre o desenvolvimento do conhecimento científico do Oceano para a década 2021-2030*</b>	
Carlos Ventura Soares	
<b>Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha</b>	159
Francisco Vidal Abreu	
18 MAIO	
<b>Recordar Bartolomeu Dias – a “Aguada de São Brás” na atual Diaz Bay</b>	161
Miguel Corrêa Monteiro	
25 MAIO	
SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO DIA DA MARINHA 2021	
<b>Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha</b>	173
Francisco Vidal Abreu	
<b>Sistemas de apoio à decisão. Enquadramento e relevância</b>	177
Mário José Simões Marques	
1 JUNHO	
SESSÃO CULTURAL CONJUNTA COM A ANBA “VISÃO NO DESIGN NÁUTICO. HISTÓRIA, ARTE E ECOEFICIÊNCIA”	
<b>Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha</b>	191
Almirante Francisco Vidal Abreu	
<b>Projeto de um navio militar*</b>	
Carlos Alberto Lopes Moreira	
<b>Design e Arquitetura no contexto do edificado da Marinha*</b>	
David Liebermann	
<b>Palavras proferidas pela Presidente da Academia Nacional de Belas Artes</b>	193
Natália Correia Guedes	

2 JUNHO

LANÇAMENTO DO LIVRO “HISTÓRIA DA LIGA NAVAL PORTUGUESA (1900-2020)”

**Apresentação do livro**

Luís Macieira Fragoso 195

João Freire 199

**Palavras do autor**

Fernando David e Silva 203

8 JUNHO

**O último fôlego reformista do século XIX:**

**a Carta de Lei de 1 de Setembro de 1899** 207

Isabel Graes

15 JUNHO

***O Bergantim Real. Embarcações de gala da Casa Real portuguesa (1619-1818) – História, modelos e tipologias*** 229

Nuno Saldanha

22 JUNHO

**A actividade naval portuguesa na Restauração segundo as primeiras fontes periódicas [1640-1668]** 265

Eurico Gomes Dias

24 JUNHO

APRESENTAÇÃO DO LIVRO “FUZILEIROS. 400 ANOS DE MEMÓRIAS”

**Palavras do apresentador do livro\***

José Rocha e Abreu

**Palavras do autor do livro** 295

Paulo Santos

**Palavras do autor do livro\***

José Manuel Cabrita

29 JUNHO

**Uma obra Portuguesa de Marinha, de Claude Joseph Vernet ou a contribuição de Claude-Joseph Vernet à “pintura do Marquês de Pombal”** 297

Paulo Santos

6 JULHO

**A estratégia da Marinha para as guerras de África (1961-1974)** 317

José Manuel Maia

8 JULHO

INAUGURAÇÃO DA XVI EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

**Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha** 349  
Francisco Vidal Abreu

13 JULHO

**A importância do mar para Portugal** 353  
Henrique Monteiro

21 SETEMBRO

SESSÃO SOLENE DE ENTREGA DO PRÉMIO

“ALMIRANTE TEIXEIRA DA MOTA - 2020”

**Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha** 361  
Francisco Vidal Abreu

**Apresentação da obra:**  
**“Cristóvão Colombo o Genovês, o meu Tio por afinidade”** 365  
Luís Filipe Reis Thomaz

12 OUTUBRO

**Prisioneiros no Norte de África - O resgate dos cativos portugueses**  
**(séculos XVI - XVIII)\***

Edite Martins Alberto

14 OUTUBRO

CELEBRAÇÃO DOS 50 ANOS DA REVISTA DA ARMADA

**Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha** 381  
Francisco Vidal Abreu

**15 anos na Revista da Armada** 383  
Luiz Roque Martins

**A propósito do meu grande amigo doc: um olhar diferente sobre a Marinha\***  
Luís Carlos Bronze dos Santos Carvalho

**Síntese da minha colaboração, ao longo dos anos, com a Revista da Armada\***  
Jorge Semedo de Matos

**Palavras proferidas pelo Diretor da Revista da Armada\***  
Anibal Ramos Borges

15 OUTUBRO

SESSÃO COMEMORATIVA DOS 100 ANOS DO NASCIMENTO DO CALM ROGÉRIO  
D'OLIVEIRA - PAVILHÃO DAS GALEOTAS\*\*

19 OUTUBRO

CICLO – ECONOMIA DO MAR – MESA REDONDA

**Marinha de Comércio. Que futuro?\***

Jorge Pinho d’Almeida | Assunção Cristas | Carla Olival | António Belmar da Costa

26 OUTUBRO

**Sobre a temática das difíceis relações internacionais atuais na Ásia\***

Luís Tomé

2 NOVEMBRO

**O *Tractado de las Drogas* de Cristóvão da Costa**

**Um marco indelével na História da Botânica**

Teresa Nobre de Carvalho

395

3 NOVEMBRO

1ª SESSÃO CONJUNTA COM A ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

**Palavras proferidas pelo Presidente da Academia de Marinha**

Francisco Vidal Abreu

421

**Portugal e o Brasil sob o embate dos imperialismos.**

**O papel do ministro da Marinha D. Rodrigo de Sousa Coutinho na ideação e construção do Reino Unido de Portugal e Brasil**

José Viriato Capela

423

**A revolução de 1820 e a instrução pública. Notas de uma comunicação**

Luís Reis Torgal

430

4 NOVEMBRO

**Estratégia naval portuguesa 2021\***

António Maria Mendes Calado

Nuno Sardinha Monteiro

Rebocho Antunes

Andrade Gonçalves

Lourenço da Piedade

9 DE NOVEMBRO

**O processo abolicionista e o papel da Armada no combate ao tráfico ilícito**

João Pedro Marques

449

11 NOVEMBRO

**Os Guardas ao Serviço da Marinha: dos descobrimentos à actualidade**

José Luís Santos Cardoso

463

16 NOVEMBRO

**O fim trágico da nau Nossa Senhora do Rosário e Santo André (1737):  
História e Literatura\*\***

Artur Teodoro de Matos

Maria do Céu Fraga

23, 24 E 25 NOVEMBRO

II SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO ORIENTE\*\*

30 NOVEMBRO

**Recursos mineiros: de privilégio a pesadelo e consequências**

475

Delfim de Carvalho

2 DEZEMBRO

LANÇAMENTO DO LIVRO “MEMÓRIAS DA GUERRA E DO MAR”

**Palavras do editor do livro\***

Henrique Alexandre da Fonseca

**Palavras dos apresentadores do livro\***

Nuno Severiano Teixeira

José António Rodrigues Pereira

**Palavras do autor do livro\***

João Freire

7 DEZEMBRO

**Os 500 anos da morte de D. Manuel I (13 de dezembro de 1521)  
e a subida ao trono de D. João III\***

João Paulo Oliveira e Costa

**A sombra de um Príncipe Herdeiro, D. João de seu nome na morte  
de um rei Venturoso**

501

Ana Paula Avelar

14 DEZEMBRO

SESSÃO SOLENE DE ENCERRAMENTO DO ANO ACADÉMICO

**Palavras do Presidente da Academia de Marinha\***

Francisco Vidal Abreu

**Uma visão espiritual do Mar\***

José Tolentino de Mendonça

---

\* Não publicado neste volume das Memórias por falta do texto

\*\* Editado em separado

## TITULARES DOS CARGOS ESTATUTÁRIOS EM 2021\*

Presidente

Almirante Francisco Vidal Abreu

Presidente da Classe de História Marítima

Professor Doutor Vítor Gaspar Rodrigues

Presidente da Classe de Artes, Letras e Ciências

Contra-almirante Luiz Roque Martins

Secretário-geral

Capitão-de-mar-e-guerra Herlander Valente Zambujo

Secretário da Classe de História Marítima

Professora Doutora Ana Paula Avelar

Secretário da Classe de Artes, Letras e Ciências

Dr. Paulo da Silva Santos



---

\* Eleitos, para o triénio 2019-2021, pela Assembleia dos Académicos de 15 de novembro de 2018 e homologado em 28 de novembro de 2018 pelo Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada.

## A SOMBRA DE UM PRÍNCIPE HERDEIRO, D. JOÃO DE SEU NOME NA MORTE DE UM REI VENTUROSO

Comunicação apresentada pela Académica  
Ana Paula Menino Avelar<sup>1</sup>, em 7 de dezembro

Esta reflexão não contrapõe ao perfil *Venturoso* de um rei, D. Manuel, um *príncipe* do Renascimento, *Rei de Portugal e dos Algarves, de áquem e de além mar em África, senhor da Guiné e da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arabia, Pérsia e Índia*, o de cognominado Piedoso Rei, D. João III. Ela tem como propósito resgatar da sombra, um príncipe herdeiro, aquando da morte de seu pai, contextualizando momentos singulares que ajudam a traçar o perfil, daquele que em 1521 será um jovem, de 19 anos, entronizado rei, como D. João III.

Apesar da sua juventude, este é um rei, que logo nas primeiras disposições que tomou esboçou uma diferente forma de governar um império, determinando que o império português ombreasse com o de Carlos V. Se o império de Carlos V se forjava num domínio assente num espaço terrestre, o português assentar no domínio dos Oceanos.



Fig. 1. *Livro de Horas dito de D. Manuel (Ofício dos Mortos)*, atribuído a António de Holanda, 1517 - 1551. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga N.º de Inv. 14/129v.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Professora Associada com Agregação da Universidade Aberta; investigadora integrada do CHAM-Centro de Humanidades FCSH-UNL; investigadora Associada CEC-FLUL e CH-FLUL; Secretária da Classe de História Marítima da Academia de Marinha; Académica de número da Academia Portuguesa da História; ana.avelar@uab.pt

<sup>2</sup> Cf. <https://journals.openedition.org/medievalista/docannexe/image/1180/img-11.jpg>

Tomo como ponto de partida, a noite em que D. Manuel faleceu, 13 de Dezembro de 1521 e recordo que, por ordem do príncipe herdeiro, se cumprem as disposições testamentárias relativas à sepultura e exéquias. No *Livro de Horas dito de D. Manuel (Oficio dos Mortos)*, atribuído a António de Holanda, 1517/1551 (fig.1), possuímos a representação do cortejo fúnebre, que se realizou, pelas 3 horas da madrugada do dia 14 de dezembro, do paço da Ribeira para Santa Maria de Belém, onde foi sepultado.

É também nesse mesmo livro, que encontramos a representação da cerimónia do pranto, que ocorreu quatro dias depois do falecimento do monarca, a qual foi organizada pelos que presidiam ao governo da cidade.



Fig. 2. *Livro de Horas dito de D. Manuel (Oficio dos Mortos)*, atribuído a António de Holanda, 1517 - 1551. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga N.º de Inv. 14/ 130.<sup>3</sup>

Os vereadores da Câmara saíram a pé, acompanhando uma grande bandeira negra, empunhada pelo alferes da cidade, Nuno Álvares Pereira que, a cavalo, arrastava pelo chão o negro estandarte (Fig. 3). Os oficiais camarários envergavam as grandes capas de dó e seguravam varas negras nas mãos. Seguiam-nos os senhores e os fidalgos da corte...

Segundo Gaspar Correia, que vivera na corte manuelina entre 1506-1512, uma multidão de mais de 20 mil pessoas acompanhou o cortejo, que efectuou três paragens: na porta da Sé, ao meio da rua Nova dos mercadores e no Rossio [a que corresponde a tarja

<sup>3</sup> Cf. *Ibidem*.



Fig. 3. *Detalhe do Livro de Horas dito de D. Manuel (Ofício dos Mortos)*, atribuído a António de Holanda, 1517 - 1551. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga N.º de Inv. 14/ 130 <sup>4</sup>

inferior](Fig.3). Em cada paragem um escudo negro foi destruído, deste modo simbolicamente se evocava o desaparecimento do falecido monarca, cujo governo teria sido o escudo protector das terras contra os inimigos<sup>5</sup>. Este era o último ofício com que a república secular servia e honrava a memória dos reis defuntos.

Por ordem de D. João, a cerimónia do seu *levantamento* como rei foi preparada para decorrer no alpendre do convento de S. Domingos. As constantes e pesadas chuvas, que já tinham atrasado a cerimónia do pranto, atrasariam os preparativos da cerimónia e a própria entronização de D. João. Além disso, a inesperada queda de uma das naves



Fig.4. Georg Braun e Franz Hogenberg, *Civitates orbis terrarum* <sup>6</sup>

<sup>4</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>5</sup> Cf. CORREIA, Gaspar – *Crónicas de D. Manuel e de D. João III (até 1533)*, p. 172.

<sup>6</sup> Cf. [https://pt.wikipedia.org/wiki/1598#/media/Ficheiro:Lisbon\\_in\\_1598.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/1598#/media/Ficheiro:Lisbon_in_1598.jpg)

do alpendre de S. Domingos originou comentários daqueles que liam ocultos presságios sobre um Rei e um Reino. Uma vez mais se recordava a tormenta que se abatera sobre Lisboa no dia do nascimento de D. João e o facto de, à mesma hora em que o príncipe tinha visto a luz do dia, um fogo ter deflagrado na casa onde nascera, e de uma esfera dourada, que se encontrava na capela do Hospital de Todos os Santos, ter caído, estilhaçando-se em muitos pedaços. Contudo, e apesar de D. João ter sido aconselhado por seu amo Bartolomeu de Paiva a adiar a cerimónia, não o fez, ciente que estava da importância das suas primeiras decisões como herdeiro ao trono.

D. João determinou que a cerimónia deveria ser pública, numa praça, isto é alpendre do convento de S. Domingos e não dentro do Paço<sup>7</sup>. Assim se definia uma nova forma de estar, a de um novo reinado, e a de um novo rei. Importa, por tudo isto, assinalar alguns dados relativamente ao modo como foi acompanhando a construção de um domínio, por parte de seu pai D. Manuel.

Ainda muito jovem, pois nascera a 7 de junho de 1502<sup>8</sup>, nos paços da Alcáçova, em Lisboa, acompanha seu pai em agosto de 1513 nas cerimónias públicas em Belém, no momento da despedida de D. Jaime, duque de Bragança, quando este ao comando de uma forte armada, partiu para tomar Azamor<sup>9</sup>.

De D. João possuímos um retrato pintado pelo mestre da Lourinhã com S. João Baptista, que representa o príncipe, mais ou menos por esta altura (fig.5). As notícias desta conquista foram recebidas, em Sintra, por D. Manuel e D. Maria, realizando-se na corte e em todo o reino grandes festas e procissões. Assim se perpetuava a importância do domínio da Cristandade<sup>10</sup>.

É certo que, tendo já os 12 anos ainda o rei não lhe tinha dado Casa, oficiais e renda, como cumpria a um príncipe herdeiro. Levantaram-se vozes, estranhando tal demora e apontando várias razões, desde a possível desconfiança do monarca face às qualidades de seu filho, à necessária ponderação em nomear, para o serviço do jovem príncipe, os que melhor o serviriam. Contudo, pelos 14 anos tal aconteceria. No entretenimento da caça e da montaria, para além dos jovens fidalgos de sua Casa, acompanhá-lo-iam seus irmãos, os infantes D. Luís que teria nascido em 1506, e o infante D. Fernando, cerca de um ano mais novo. No círculo de jovens que no paço, privavam de perto com D. João, destacam-se Duarte da Costa, seu irmão de leite, Damião de Góis e João de Barros. Uma longa amizade o ligou a Luís da Silveira, seu guarda-mor, hábil cortesão e homem maduro, que segundo Frei Luís de trataria das

<sup>7</sup> Cf. CORREIA, Gaspar – *Crónicas de D. Manuel e de D. João III (até 1533)*, p. 177-180.

<sup>8</sup> Cf. COSTA, João Paulo Oliveira e – *D. Manuel I -1469-1521- Um príncipe do Renascimento*, pp. 176-177

<sup>9</sup> Cf. GÓIS, Damião- *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, III, pp. 180 -183.

<sup>10</sup> Cf. AVELAR, Ana Paula - *D. João III-O Piedoso*, pp.9-10.



Fig.5. O príncipe D. João e São João Baptista no painel lateral esquerdo do *Triptico dos Infantes* do mestre da Lourinhã.<sup>12</sup>

*matérias de conselho e substância, como homem entrado em dias, e a D. António de Ataíde a quem confiava as matérias mais leves e de seu gosto*<sup>11</sup>.

Segundo, os seus biógrafos D. João seria *brando de condição*, com um *estilo de escrita claro e grave, fácil de servir*, não usando *palavras ásperas* quando descontente, embora seus olhos denunciasses o que sentia. O seu aspecto calmo e aprazível fazia perder o medo a quem com ele tratava, já o seu ar grave e severo impunha respeito. Falava vagarosamente o que acentuava a severidade<sup>13</sup>. D. João acompanhava seu pai no exercício do governo público em matérias de justiça, fazenda e mercês e D. Manuel observaria os seus modos e atenção aos negócios do estado, advertindo-o relativamente aos cuidados que deveria ter. Estes traços vão sendo referidos tanto em crónicas, como, por exemplo, nos textos dos embaixadores que vivenciavam a corte manuelina<sup>14</sup>.

Evoco-os, pois considero que permitem ler um tempo. Subscrevo a decomposição triádica de Certeau, de que a construção historiográfica se edifica a partir de três fases: a “fase documental”, a explicativa/compreensiva e a representativa ou “*escriturária*”, tomando, porém, a perspectiva ricoueriana de que a representação escrita aduz inteligibilidade ao trabalho de compreensão / explicação, sendo de fundamental importância a desocultação de

<sup>11</sup> Cf. SOUSA, frei Luís- **Anais de D. João III**, II, pp.18-19.

<sup>12</sup> Fez parte de um grande retábulo que D. Manuel mandou fazer para a capela mor da igreja do mosteiro dominicano em Almeirim [c. 1516].Cf. <https://tinyurl.com/mrype9u7>

<sup>13</sup> Cf. AVELAR, Ana Paula - **D. João III-O Piedoso**, pp.11-12.

<sup>14</sup> Cf. BUESCU, Ana Isabel-**D. João III-1502-1557**, pp.51-54.

anteriores escritas da História. Defendo igualmente que hermenêuticamente o biógrafo, como avançou Roland Barthes, deve atender ao detalhe, ao traço singular, pois a figura do biografado não deve ser tomada como um postulado uniforme, mas deve ser interrogado nas suas tensões, contradições, pertencas a diferentes lugares, de modo a tecer a veracidade de um tempo<sup>15</sup>. É esse tempo singular que aqui está a ser interrogado.

Um desses momentos singulares prende-se com o facto de, após ter sido atribuída a D. João Casa própria, se começar a colocar a questão do seu casamento, defendendo-se a continuação do estreitamento da aliança entre os tronos ibéricos.



Fig.6. *Fons Vitae*. Aos pés de Cristo D. Manuel e D. Maria de Aragão.  
D. João encontra-se representado ao lado de seu pai<sup>16</sup>

Refira-se que D. Manuel sempre visara este propósito, tanto no seu primeiro matrimónio, com D. Isabel, assim como no seu segundo casamento com D. Maria, a mãe de D. João (fig.6). O rei português era, pela via matrimonial, um possível sucessor à coroa castelhana-aragonesa. A morte a 23 de janeiro de 1516 de D. Fernando, sogro de D. Manuel e regente de Castela, reacendeu esta questão, perfilando-se o casamento de D. João III, com D. Leonor, a irmã mais velha de D. Carlos, filha primogénita de Joana, *a Louca* e de Filipe, *o Belo*. Pêro Correia é enviado pelo monarca português ao imperador Maximiliano, para

<sup>15</sup> Cf. DELACROIX, Christian, F. Dosse, P. Garcia & N. Offenstad- **Historiographies- Concepts et Débats**, pp. 84,738.

<sup>16</sup> Pintura no Museu da Misericórdia do Porto. Cf. <https://tinyurl.com/ykjp8656>

tratar dos possíveis casamentos da Infanta, sua filha, D. Isabel, com o Arquiduque austríaco, D. Carlos, e do herdeiro do trono português, D. João, com a irmã deste, D. Leonor<sup>17</sup>.

Todavia, a morte da rainha de D. Maria a 7 de março de 1517, vítima de um abscesso, que sobreveio após o nascimento do infante D. António, vai indelevelmente mudar o rumo dos acontecimentos. Observe-se como os acontecimentos se precipitam. Em setembro de 1517 chegou da Flandres, D. Carlos, arquiduque de Áustria e senhor dos Países Baixos, com sua irmã D. Leonor, para tomar as coroas de Castela e Aragão. Sua mãe, Joana, a *Louca*, permanecia encarcerada em Tordesilhas, temendo-se a sua intervenção nos governos destes reinos. A paz com Portugal seria acautelada através de uma dupla aliança matrimonial. Em outubro de 1517 D. Manuel envia Álvaro Costa, seu camareiro-mor e homem de confiança, a Castela com a missão de saudar D. Carlos e de negociar, para além do casamento da infanta D. Isabel com D. Carlos, seu matrimónio com D. Leonor. O pai substituíra, assim, o filho<sup>18</sup>.

Em Portugal argumentava-se que esta união acarretaria pesados encargos ao reino. Nas palavras de Andrada, o monarca defendia que deixava seu filho *senhor de muitos estados novos, os quais tinham sido por si adquiridos e conquistados no Oriente*, enquanto o *Venturoso* só herdara de seus antecessores os reinos de Portugal e do Algarve<sup>19</sup>. D. Manuel recearia que o casamento de seu filho com a infanta D. Leonor fortalecesse a posição deste junto do Imperador, o que o fragilizaria caso ocorresse alguma desavença com o seu herdeiro. Recorde-se que já havia registos anteriores de situações idênticas. Neste fazer e desfazer de alianças, a usurpação por parte de D. Carlos do trono, de que era herdeira sua mãe, era uma imagem que D. Manuel pretendia afastar. O casamento com D. Leonor salvaguardaria a sua posição tanto interna como externamente.

Nos círculos próximos do príncipe herdeiro levantaram-se vozes contra este casamento, defendendo o do infante D. João com D. Leonor. Luís da Silveira, um dos paladinos da causa do Infante, é afastado da corte, por ordem de D. Manuel, só regressando após a morte do monarca. Não seria este, aliás, o único afastamento. Martim Afonso de Sousa<sup>20</sup> escreve que D. António de Ataíde havia sido também temporariamente afastado, e que ele próprio, encontrando-se ao serviço do jovem príncipe, fora pressionado por alguns nobres ao serviço do monarca para abandonar a casa do Infante.

Apesar de, segundo os biógrafos, nunca se assistir, por parte de D. João, a uma clara desobediência a seu pai e Senhor, as relações esfriaram-se, aproximando-de D. Manuel

<sup>17</sup> Sobre esta questão Cf. COSTA, João Paulo Oliveira e – **D. Manuel I -1469-1521- Um príncipe do Renascimento**, pp 272-278.

<sup>18</sup> Cf. AVELAR, Ana Paula - **D. João III-O Piedoso**, pp.26-27.

<sup>19</sup> Cf. ANDRADA, Francisco-**Crónica de D. João III**, 9-13.

<sup>20</sup> Sobre a posição de Martim Afonso de Sousa Cf. ALBUQUERQUE, Luís(ed,- **Martim Afonso de Sousa**, p. 68 e PELÚCIA, Alexandra Maria Pinheiro - **Martim Afonso de Sousa e a sua linhagem: a elite dirigente do Império Português nos reinados de D. João III e D. Sebastião**, p. 101.

do infante D. Luís, e mesmo após a morte de D. Manuel, quando de novo se avançou a possibilidade de este contrair matrimónio com sua madrasta, D. Leonor, tal é por si rejeitado. Aos 19 anos, D. João, é Rei de Portugal, e de um vasto império. Contudo, contrariamente ao que, até os seus mais próximos esperariam, manteve muitos dos que tinham acompanhado seu pai, preservando a continuidade governativa, sendo as *vacaturas* nos respectivos ofícios gradualmente preenchidas pelos seus mais directos validos<sup>21</sup>. Junto de si permanece, D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso, e no seu conselho mantêm-se figuras como D. João de Meneses, D. Martinho de Castelo Branco, D. Álvaro da Costa, e o secretário António Carneiro por cujo falecimento ascenderia o incontornável Pêro de Alcáçovas Carneiro.

D. João, não deixou, contudo, de marcar o seu novo estado, chamando Luís da Silveira, o companheiro de juventude que fora afastado da corte por D. Manuel devido ao desagrado por ele manifestado aquando do terceiro casamento do *Venturoso*, não tendo porém, o protagonismo que almejava, ainda que seja ele que, em setembro de 1522, foi enviado como embaixador extraordinário junto do imperador Carlos V, para negociar o esponsais deste com D. Isabel de Portugal<sup>22</sup>. O facto de exorbitar as suas funções durante esta embaixada, ditaria o fim do seu estado de Graça, ganhando maior protagonismo D. Francisco de Ataíde, que seria uma figura tutelar de D. João III.

Assiste-se logo no ano de 1522, por parte de D. João III ao atender ao que se passa nas praças portuguesas do norte de África [Cabo Guê, Safim, Azamor e Mazagão, Ceuta, Alcácer Seguer, Tânger e Arzila]<sup>23</sup>, escrutinando-se os complexos insulares atlânticos e o domínio do trato africano, sendo de referir como, em 1524, e no espaço marroquino, os saaditas tomaram o emirato de Marraquexe, ameaçando Portugal. D. João pesaria a presença portuguesa neste espaço<sup>24</sup>. Mas tal aconteceria num tempo diferente do que é objecto desta nossa reflexão. Contudo, logo em 1522, D. João III tem que atender ao facto de as costas *brasilicas* serem assoladas por corsários, na sua maioria, franceses, o que determinaria uma atenção particular, nomeadamente nas relações que estabeleceria com Francisco I.

É certo que vários problemas se levantavam no governo da Índia tocando validos de D. Manuel. Recorde-se como Diogo Lopes de Sequeira, governador da Índia entre 1518-1521, que tinha sido substituído por D. Duarte de Meneses, ao regressar a Portugal(1522) vê os seus bens embargados e foi submetido a devassa. Contudo, refira-se que D. João III, devolver-lhe-á os seus bens e logo em 1523 nomeio-o almotacé-mor,

<sup>21</sup> Cf. SOUSA, frei Luís- **Anais de D. João III**, II, p16-22.

<sup>22</sup> Cf. BUESCU, Ana Isabel- **D. João III-1502-1557**, pp. 176-182.

<sup>23</sup> Cf. SOUSA, frei Luís- **Anais de D. João III**, II,87-100.

<sup>24</sup> Cf. COSTA, João Paulo Oliveira (coord.) et al- **História da Expansão do Império Português**, pp. 129-142.

integrando em 1524 a delegação portuguesa que em Badajoz–Elvas estará a negociar com os representantes de Carlos V, a posse das Molucas. É certo que, entre o final de 1521 e inícios de 1522, Duarte Pacheco Pereira regressaria da Mina a ferros, suspeito de corrupção, tendo os seus bens sido confiscados. Apesar de a acusação não ter sido provada e de ter recuperado parte dos bens, continuará receber a tença que lhe fora atribuída por D. Manuel. Como assinalou Francisco Contente Domingues: “Duarte Pacheco não se mostrou de perdão fácil: Tal como outros, ofereceu os seus préstimos a Carlos V, um mais a somar aos vários que o fizeram ou ameaçaram fazê-lo numa conjuntura delicada para o monarca português.”<sup>25</sup>

Refira-se igualmente que durante o vice-reinado de D. Duarte de Meneses foram muitas as dificuldades sentidas devido às revoltas em Ormuz (1522) e aos sintomas de mal-estar por todo o Extremo Oriente. Ele regressaria a Portugal preso<sup>26</sup>. Mas estas não são as questões que importa neste momento desenvolver, assinale-se somente que ao longo do reinado de D. João III se acentuaram e prolongaram as contendas entre as várias oligarquias familiares portuguesas e entre o oficialato político administrativo do governo português da Índia.

O peso do poder que o jovem monarca recebera seria desde logo por ele sentido quando, nos primeiros dias de setembro de 1522, aportou em Sanlúcar a nau *Victoria*, capitaneada por Sebastián Elcano, a única embarcação sobrevivente da expedição de Fernão de Magalhães. Sinalizo aqui o facto de João III ter apresado uma das chalupas da nau *Victoria* que aportara a Santiago, procurando os víveres que escasseavam e tentando ocultar aquela que fora a sua rota. Contudo, apesar da tentativa de apresamento da nau, ela conseguiria chegar a terras espanholas. Este incidente provocou uma torrente de mútuas recriminações que viriam a condicionar a já referida embaixada de Luís da Silveira. A missão de que este ia investido para prosseguir as negociações tendo em vista o matrimónio de Carlos V com a infanta de Portugal, D. Isabel, e de negociar um eventual casamento entre D. João III e a jovem irmã do Imperador, D. Catarina, seria relegada para segundo plano. Afinal, o que importava agora seria defender os interesses portugueses.

Luís da Silveira recebeu de D. João III instruções muito precisas no sentido de recordar a Carlos V a promessa de que a expedição de Magalhães não entraria no espaço português. Paralelamente às negociações desenvolvidas junto do Imperador, D. João III enviara António Brito às Molucas com a missão de expulsar os *castelhanos* das Ilhas do Cravo. Ainda em agosto de 1522 D. João III receberia informações do rei de Ternate, Abu Hayat, sobre a presença castelhana, enviadas pela mão de Jorge de Albuquerque,

<sup>25</sup> DOMINGUES, Francisco Contente- **Dicionário da Expansão Portuguesa**, II, p. 824.

<sup>26</sup> Cf. SUBRAHMANYAM, Sanjay- **The career and legend of Vasco da Gama**, pp. 287-291.

capitão de Malaca<sup>27</sup>. O próprio Albuquerque se encarregara de mandar traduzir a missiva do malaio para português. Nesta o jovem rei de Ternate solicitava o apoio de D. João, devido ao facto de os castelhanos terem entregado ao rei de Tidore 40 bombardas e 60 bestas, prometendo que em breve chegariam 20 naus, o que reforçaria o poder deste potentado e alteraria a correlação das forças em presença no território.

Em novembro de 1522, D. João III ordenava a Luís da Silveira que reduzisse a sua faustosa embaixada, pois a missão que agora perseguia junto do Imperador era de uma natureza muito diferente. À celebração de alianças matrimoniais sobrepunha-se um pesado litígio diplomático. O embaixador português não acataria esta recomendação, mantendo todo o esplendor da sua embaixada. Por seu turno, o Imperador não cedeu às condições portuguesas, não reconheceu o direito de Portugal às ilhas do cravo. Propôs, em contrapartida, que os participantes na expedição de Fernão de Magalhães, que se encontravam detidos em Portugal, fossem libertados. Com o objectivo de ultrapassar o impasse foi sugerido que se constituísse uma Junta que estudasse a questão das Molucas e que para ela apresentasse uma solução. Entretanto Luís da Silveira recebeu ordem de D. João III para se recolher a Lisboa. Como sabemos a resolução deste conflito arrastar-se-ia até 1529. Para o seu bom termo contribuiria a intervenção diplomática da então Imperatriz D. Isabel, irmã de D. João III, que entretanto desposara Carlos V<sup>28</sup>.

Apesar do fracasso de Luís da Silveira e da disputa pelas Molucas, nos anos de 1523-1524, D. João III continua a perseguir a aliança com a Espanha de Carlos V. Assim se compreende que sua prima, D. Catarina, irmã mais nova do Imperador, tenha ido objecto da sua escolha para sua consorte. Ao Papa seria pedida a dispensa para que o casamento se efectuasse devido aos laços de parentesco. A 19 de julho de 1524 foi assinado em Burgos o contrato de casamento e no mês fevereiro de 1525 celebra-se o matrimónio religioso daqueles que anos mais tarde são representados como Juno e Júpiter, dominando o Mundo.

Última e derradeira nota neste breve esquisso das sombras de um príncipe herdeiro, D. João de seu nome, na morte de um rei Venturoso: Após ter subido ao trono, D. João III reafirmou o modo como intuía o seu poder imperial, o qual ombreava repito com o de Carlos V. Não é gratuito o facto de, logo no primeiro ano do reinado, ter alterado a forma como recebia os embaixadores. Frei Luís de Sousa expõe com clareza esta mudança ao considerar que, tal como o Imperador alterou os bons costumes dos anteriores reis de Castela, também D. João se viu obrigado a fazer o mesmo na sua corte, pois ambos os impérios deveriam ser vistos como tendo a mesma honra e dignidade.

<sup>27</sup> Cf. THOMAZ, Luíz Filipe F. R. – As Cartas Malaias de Abu Hayat, Sultão de Ternate, a el-rei de Portugal e os primórdios da presença portuguesa em Maluco, IV, pp. 381- 446.

<sup>28</sup> Cf. AVELAR, Ana Paula - **D. João III-O Piedoso**, pp.40-47

## **Bibliografia Citada:**

- ALBUQUERQUE, Luís(ed.) – **Martim Afonso de Sousa**, Lisboa: Alfa.1989.
- ANDRADA, Francisco – **Crónica de D. João III**. Porto: Lello e Irmão Editores, 1976.
- AVELAR, Ana Paula – **D. João III-O Piedoso**. Lisboa: Academia Portuguesa da História – QuidNovi, 2009. ISBN: 978-989-554-590-2.
- BUESCU, Ana Isabel – **D. João III-1502-1557**, Lisboa: Temas e Debates, 2008, ISBN 978-972-759-981-3
- CORREIA, Gaspar – **Crónicas de D. Manuel e de D. João III ( até 1533)**, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1992.
- COSTA, João Paulo Oliveira e – **D. Manuel I -1469-1521- Um príncipe do Renascimento**, Lisboa: Temas e Debates, 2007. ISBN 978-972-759-920-2.
- COSTA, João Paulo Oliveira (coord.) et all – **História da Expansão do Império Português**, Lisboa: a esfera dos livros, 2014, ISBN 978-989-626- 627- 1
- DELACROIX, Christian, F. Dosse, P. Garcia & N. Offenstad – **Historiographies-Concepts et Debats**, Paris: Gallimard, 2010, ISBN 978-2-07-043927-0.
- DOMINGUES, Francisco Contente – **Dicionário da Expansão Portuguesa**, Lisboa: Círculo dos Leitores, 2016, i 978-972-42-5087-8.
- GÓIS, Damião – **Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel**, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1954.
- PELÚCIA, Alexandra Maria Pinheiro – **Martim Afonso de Sousa e a sua linhagem: a elite dirigente do Império Português nos reinados de D. João III e D. Sebastião**, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2007. <https://run.unl.pt/handle/10362/11437>
- SUBRAHMANYAM, Sanjay – **The career and legend of Vasco da Gama**,Cambridge: Cambridge University Press, 1997. ISBN 0 521 47072 2 .
- SOUSA, frei Luís – **Anais de D. João III**,Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1938.
- THOMAZ, Luíz Filipe F. R. – As Cartas Malaias de Abu Hayat, Sultão de Ternate,a el-rei de Portugal e os primórdios da presença portuguesa em Maluco. In **Anais de História de Além-Mar**, Lisboa: Centro de História de Além –Mar –FCSH, 2003, IV, pp. 381-446. ISSN: 0874-9671 2